



Jaime Cimenti

# Livros

jcimenti@terra.com.br

## Chico Buarque e a censura durante a ditadura militar

Censores não entram para a história, a não ser alguns da antiga Roma, que tinham outras tarefas além de vigiar a moral e os costumes. Cercar a liberdade é algo somente menos grave do que tirar o direito à vida. Hoje, discutimos regulamentação de redes sociais, ditaduras digitais e liberdades várias, especialmente a liberdade de imprensa. Há que se ficar atento à censura e aos que pretendem manipular as informações.

*O que não tem censura nem nunca terá* (L&PM Editores, 224 páginas, R\$ 54,90), do experiente e consagrado jornalista Márcio Pinheiro, editor do site AmaJazz e autor, entre outros, dos livros *Esse tal de Borghettinho* e *Ratos de redação: Sig e a história do Pasquim* (finalista do prêmio Jabuti) é um relato minucioso e impactante sobre as perseguições sofridas por Chico Buarque - um de nossos maiores artistas - durante o período do ditadura militar.

Em 1964, Chico tinha 20

anos e, em 1966, lançou *A banda*, seu primeiro grande sucesso. Nesse mesmo ano, sua composição *Tamandaré* foi proibida pela censura, por ofender o almirante Tamandaré, o patrono da Marinha. Foi o primeiro de muitos encontros do autor de *Apesar de você* com o Serviço de Censura. No ano seguinte, *Roda viva*, peça de sua autoria, foi proibida pela censura. Especialmente depois da edição do AI5, em 1968, vieram os “anos de chumbo”. Chico e a classe artística brasileira não tiveram mais paz. Ele autoexilou-se na Itália. Lá, era correspondente informal de *O Pasquim* e criou músicas antológicas - muitas, censuradas, e outras que passaram inicialmente despercebidas como *Apesar de você*, de 1970.

Em dado momento, três de cada quatro composições de Chico eram proibidas, o que tornava impossível a montagem de um repertório mínimo para um show ou um disco. O compositor tornou-se o maior símbolo da perse-



guição cultural e política daqueles tempos duros, e passou boa parte dos anos 1970 proibido de criar.

O competente, bem elaborado e pungente livro de Márcio Pinheiro vem em bom momento, quando em nível mundial se discute liberdade, democracia e criação artística - e quando precisamos estar, mais do que nunca, atentos.

## e palavras...

### TOM JOBIM, O OUVIDOR DO BRASIL

*O ouvidor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim* (Companhia das Letras, 232 páginas, R\$ 69,90), de Ruy Castro - consagrado escritor, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras -, traz 99 crônicas recheadas de informações e histórias de bastidores revelando o lado humano, crítico, bem-humorado, plural e fascinante do genial músico, maestro e compositor Tom Jobim, um de nossos maiores e melhores brasileiros, que faleceu em Nova York, em 1994, aos 67 anos.

Ruy Castro nasceu em 1948, iniciou como repórter em 1967, trabalhou nos principais órgãos de imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, e escreveu biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda, reconstituições históricas sobre a bossa nova, o samba canção e o Rio dos anos 1920, além de três romances e obras sobre Cinema e Literatura.

Tom Jobim foi um dos maiores artistas brasileiros e tornou-se universal. Nesse momento, em qualquer lugar do mundo, há alguém tocando sua música. Pode ser num concerto para centenas de pessoas, no escurinho de uma casa noturna para um casal de mãos dadas, num estúdio de gravação ou numa esquina em troca de algumas moedas para o almoço. Os discos que ele gravou com João Gilberto, Elis Regina e Frank Sinatra, entre muitos outros, sobreviveram a todas as modas musicais e não saem de catálogo. Canções como *Águas de março*, *Garota de Ipanema* e *Wave* fazem parte, definitivamente, da trilha sonora da humanidade e, isso, na verdade, todos nós sabemos.

O compositor e sua imensa e linda obra vivem para sempre. Suas canções falam de pedras, madeira, mar, árvores, pássaros, matas, serras, montanhas e, sobretudo, foram inspiradas na Mata Atlântica. O livro de Ruy Castro nos mostra o ser humano gigante e admirável que foi Tom, com sua delicadeza, sua sagacidade, seu humor e sua ironia. Há décadas atrás, ele já falava em ecologia, poluição das águas, especulação imobiliária, proteção da Mata Atlântica e dos espigões que, por vezes, não deixavam os cariocas enxergarem o Cristo Redentor.

O conjunto dos textos de Ruy formam uma espécie de perfil biográfico fragmentado e caleidoscópico de um homem que, mesmo tendo falecido em 1994, parece estar aqui conosco, buscando harmonia, beleza e vida. Enquanto produzia música da melhor qualidade e eternidade, criava seus filhos e convivia bem com as pessoas. O grande mérito dos textos de Ruy é revelar grandes pequenas histórias de um homem que gostava muito do Brasil e se preocupava com a natureza, as pessoas, a boa música, a paz. Tom exercia bem a arte de convívio e deixou um legado infinito para nós.

Os textos falam da homenagem que a Mangueira fez para Tom, falam do lendário disco que ele gravou com Elis Regina nos Estados Unidos, e do emocionante documentário que Roberto de Oliveira e Jom Tob Azulay fizeram sobre a gravação do álbum que muitos consideram o melhor da história da música brasileira.

## a propósito

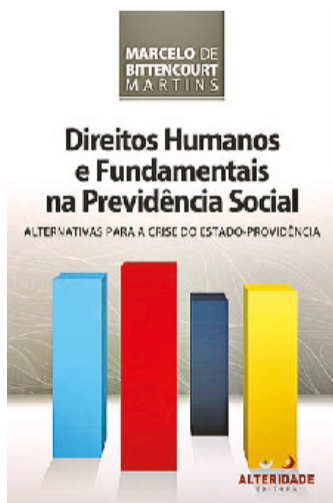
Num momento em que o Brasil e os brasileiros estão extremamente divididos e no qual parecemos uma orquestra desafinada, o livro de Ruy Castro sobre Tom Jobim vem em boa hora para inspirações boas e desejos de viver em paz.

Tom sempre disse que o Brasil não era para principiantes e que viver no exterior é bom, mas é “uma merda” e

que viver no Brasil é “uma merda”, mas é bom. Tom é o que temos de melhor e de mais universal - e se mantém vivo no mundo. Suas canções seguem ajudando brasileiros e estrangeiros a encantar ouvintes em muitos lugares e a servir de sustento para milhares e milhares de músicos. É muito; é coisa de Deus.

(Jaime Cimenti)

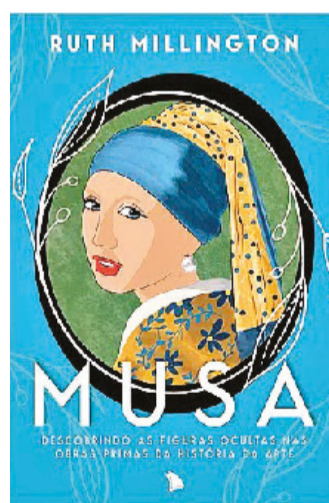
## lançamentos



► **Direitos Humanos e Fundamentais na Previdência Social** (Alteridade, 200 páginas, R\$ 95,00), do advogado, professor e palestrante Marcelo de Bittencourt Martins, fala, com propriedade, do sempre atual problema da crise do Estado-Providência e seu impacto negativo nos direitos sociais. A obra traz alternativas para trazer eficácia e não retrocesso aos direitos de seguridade social.



► **Crenças e situações que atrasam o País** (Editora AGE, 198 páginas, R\$ 59,90), do contador, economista e auditor aposentado do TCE e da Secretaria da Fazenda do RS Darcy Francisco Carvalho dos Santos, trata de carga tributária nacional, fundos de participação, previdência, seguridade, orçamento e outras questões relevantes.



► **Musa** (Arquipélago, 320 páginas, R\$ 54,90), de Ruth Millington, historiadora de arte e crítica, e mestre em Artes por Oxford, traz 29 pessoas que inspiraram obras-primas na História da Arte. De Da Vinci às capas da Vogue, passando pela *Moça com brinco de pérola*, a obra mostra que essas figuras são mais diversas do que as narrativas tradicionais admitem.